

As literárias flores do árido solo factual: a Grande Depressão na obra de Agee e Evans

Lucas André Berno Kölln¹

RESENHA DO LIVRO

AGEE, James; EVANS, Walker. *Elogiemos os homens ilustres*. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Ao tratar sobre o conceito de literatura em seu livro *Literatura e marxismo*, Raymond Williams questiona e busca problematizar como e porque a literatura é tomada por alguns como igual ou superior à experiência diretamente vivida. Nesse sentido, portanto, é que ele escreve que "a supressão efetiva desse processo [o de construção literária] e suas circunstâncias, realizada deslocando-se o conceito para uma equivalência não diferenciada com a 'experiência imediata da vida' (...) é um feito ideológico extraordinário."² E de fato o é.

A obra *Elogiemos os homens ilustres*, de James Agee e Walker Evans, embora não seja expressivamente superior à realidade que retrata, nem integralmente capaz de reproduzi-la literariamente, parece constituir-se um desafio à colocação de Williams. O livro foi lançado no Brasil em 2009 pela Companhia das Letras, na coleção *Jornalismo Literário* - que agrega trabalhos de jornalistas célebres como Joseph Roth e Ryszard Kapuscinski -, num momento em que os Estados Unidos ainda estava às voltas com a crise de 2008.

O livro é formado de um conjunto de textos e fotografias. Os textos são de autoria de James Agee, as fotografias de Walker Evans. Ambos foram contratados pela revista *Fortune*, de Nova York, em 1936, para viajar ao sul dos Estados Unidos por oito semanas e retratar a situação de miséria e de pobreza das famílias de lavradores e pequenos proprietários do Alabama. Agee era um jornalista que já tinha uma coletânea de poesia publicada e estava em busca de trabalho; Evans trabalhara para a FSA (Farm Security Administration), um dos órgãos do governo do *New Deal* que contratava e financiava artistas para documentar as mazelas da Grande Depressão.

Elogiemos os homens ilustres, no entanto, não chegou a ser publicado na revista fundada por Henry Luce. Nenhum escrito proveniente da viagem dos dois, aliás, foi publicado na revista, especialmente por sua extensão e por uma visão que extrapolava as típicas abordagens e padrões da revista. Dwight Macdonald, editor associado da *Fortune*, disse que o texto de Agee era "pessimista, não construtivo, nada útil, indignado, lírico e sempre pessoal."³ Apesar da revista ter recebido contribuições de jornalistas "(...) que tinham um olho nas

atividades literárias e outro na esquerda"⁴, o tom do texto de Agee pareceu demasiadamente pessimista, um sentimento que certamente não era particular dele, mas sim socialmente compartilhado.

O material por eles produzido foi ampliado e lapidado, de modo que só veio a ser publicado em 1941, dez vezes maior do que o originalmente previsto, em forma de livro. Precisamente sobre esse livro que essa resenha se detém.

Agee e Evans conviveram com as famílias de três lavradores do sul dos Estados Unidos. Durante esse tempo mergulharam na rotina e no cotidiano delas, profundamente comprometidos em produzir uma obra que fosse digna de não só descrever as condições de existência daqueles sujeitos, mas que fosse, para além disso, um esforço moral de pôr em relevo que tipo de situação passavam eles. O resultado desse esforço é um livro de mais de quatrocentas páginas que explora a tessitura diária dessas famílias através de exercícios descritivos longos, cuja intenção é captar a experiência na região rural no Sul dos Estados Unidos em meio ao rescaldo da Grande Depressão.

Para compreender o quadro que encontraram Agee e Evans é preciso compreender a peculiaridade daquele momento histórico que foi a crise de 1929. A conjuntura de "aquecimento" produtivo dos anos 20 não mais encontrara fomento na década de 30, de modo que correspondeu a esse descompasso não só a recessão econômica mas também uma reestruturação produtiva em espectro amplo. A forma como a produção estava sendo gerenciada, os novos patamares de acumulação e as transformações na dinâmica econômica que vieram de roldão com essas mudanças anunciavam que as relações sociais de produção estavam em processo de metamorfose. Não, contudo, em sua "natureza" - continuavam a ser capitalistas -, mas na maneira como seus expedientes e suas dinâmicas se aprofundaram e criaram novas ramificações, novas atividades e novas gerências: tratava-se da consolidação do capitalismo monopolista, da reestruturação produtiva fordista, das grandes empresas e companhias, e, no campo, das grandes propriedades e da exploração da terra em moldes extensivos e industriais.

¹Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em História, com área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais da Unioeste.

²WILLIAMS, Raymond. *Literatura e marxismo*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 51.

³MACDONALD, Dwight *apud* SUZUKI JR., Matinas. *O algodão agridoce*. In: AGEE, James; EVANS, Walker. *Elogiemos os homens ilustres*. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 440.

⁴SUZUKI JR., Matinas. *O algodão agridoce*. op. cit. p. 436.

A essa mudança econômica, agravada pela conjuntura de crise dos anos 30, correspondem uma série de transformações em outros âmbitos da realidade histórica estadunidense, seja na sociedade, na política ou na cultura. A economia estava mais competitiva e o antigo modo de viver estava sendo alterado - se não destruído - dentro dessas novas circunstâncias. A literatura, por sua vez, não permaneceu inalterada diante das convulsões sócio-históricas que abalavam a sociedade estadunidense dos áridos anos 30.

Abundaram escritores e fotógrafos engajados com os grandes grupos de desempregados, pobres e despossuídos que a Grande Depressão e todas as transformações econômicas produziram. Uma tendência realista - e grandemente crítica - se estabeleceu para retratar as mazelas desse trágico processo: John Steinbeck (1902-1968), Frank Norris (1870-1902), John dos Passos (1896-1970), Upton Sinclair (1878-1968, por exemplo, na literatura; e Dorothea Lange (1895-1965), Margaret Bourke-White (1904-1971), Marion Post Wolcott (1910-1990), Arthur Rothstein (1915-1985) na fotografia.

Ou seja, além da realidade social dramática que Agee e Evans encontraram em suas viagens - parte de um longo, vasto e profundo processo de reestruturação e reorganização econômica que se espraiava nos mais diversos aspectos da realidade do período -, havia também uma tendência de engajamento social com os atingidos pela Grande Depressão. Não faltavam conflitos e contradições a que as obras literárias e fotográficas pudessem se voltar; eles eram, aliás, evidenciadas e trazidos à tona pela situação extrema que a Grande Depressão criou, não raro em obras literárias com profundo caráter documental e de denúncia.

Não há dúvida de que os anos 30 foram um período singular para a história dos Estados Unidos. E o foi também para as "antigas classes médias rurais"⁵, grupo central do retrato de James Agee e Walker Evans. A pequena propriedade rural, que vicejara até o início do século XX - e que era a base material e cultural de existências dessas classes - via-se ameaçada pela nova dinâmica econômica, que gradativamente ia lhe fechando as portas na medida em que eram introduzidos os elementos típicos da nova forma de produzir, tais como os tratores, a racionalização científica e capitalista do trabalho e, em especial, a grande propriedade.

O que antes constituía o baluarte essencial do modo de vida daquelas famílias - entre as quais encontramos os Woods, os Ricketts e os Gudgers, com as quais viveram Agee e Evans quando no Alabama -, era-lhes tomado ou tornado anti-econômico, de modo que poucas opções de manter seu antigo modo de existência lhes restavam. O arranjo sócio-histórico que existia anteriormente, aquele em que eles possuíam a propriedade da terra - ou o direito de nela viver e ela trabalhar como meeiros ou arrendatários -, o controle sobre seu trabalho, *status* e dignidade estava aos poucos

se desfazendo, ao mesmo tempo que tudo o que estava nele enraizado.

A ideia que percorre cada descrição, narração, problematização ou teorização de Agee é a da recriação da experiência naquelas circunstâncias em seus mais ínfimos redutos e aspectos, ainda que essa recriação seja parcial e subjetiva. Mais do que um livro que busca reelaborar a realidade nos moldes da ficção para dar-lhe expressividade, Agee busca, pelo retrato exaustivo e intensivo de tudo o que diz respeito àquelas famílias e àquela realidade histórica, torná-la a mais expressiva possível para reforçar sua denúncia.

Essa ambiciosa proposição do autor, contudo, não parte do pressuposto de que a experiência real possa ser menos expressiva do que a ficção. Em *Elogiemos os homens ilustres*, Agee procura levar a cabo uma espécie de experimentação literária no sentido de testar até que ponto se pode retratar a realidade, até que ponto é possível transformá-la em palavras e, por meio dessas palavras, tornar a mesma realidade vista pelo autor, acessível ao leitor. Esse parece ser um dos pontos nevrálgicos do livro: buscar expor a miséria daquelas famílias da forma mais expressiva, mais pungente, de modo que não falem adjetivos para caracterizar os diversos aspectos daquela realidade, sempre voltados à exposição da miséria pela qual passavam aqueles sujeitos.

Dessa sua concepção de literatura, entrelaçada com o conflituoso solo histórico, que deriva também sua *performance* literária e a responsabilidade essencial que o escritor tem em relação à sua obra: "Por essa razão e por outras, eu faria tão mal em simplesmente me eliminar do retrato quanto em simplificar e inventar personagens, lugares ou atmosferas"⁶, escreveu ele. O compromisso de Agee não é com a ficção literária, é com as entranhas da existência propriamente dita, em sua manifestação mais cabal e crua, de cuja realidade - o fato de existir - ele está ciente. Desse compromisso é que surge a responsabilidade de Agee enquanto escritor:

Uma cadeia de verdades de fato acabou por se tecer e entretecer: é a textura delas que quero representar, não trair, nem enfeitar e fazer virar arte. *A única coisa que me é profundamente empolgante a respeito de George Gudger é que ele é de verdade, está vivendo, neste instante.* Ele não é a invenção de algum artista ou jornalista ou propagandista: *ele é um ser humano*; e no grau em que seja capaz é minha tarefa reproduzi-lo como o ser humano que é; não simplesmente amalgamá-lo em alguma imitação inventada e literária de um ser humano.⁷ (*grifos meus*)

Agee sabe que o retrato é subjetivo, a escolha *do* que retratar - tanto quanto *como* retratar - exprimem opções subjetivas do autor, que revelam seu posicionamento perante a realidade na qual está inserido. Ele não se furta a reconhecer que ao escrever sobre aquelas famílias da forma como escreveu, assumia uma

⁵MILLS, C. Wright. *A nova classe média*. 3ª ed. Tradução de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. pp. 25-79.

⁶AGEE, James; EVANS, Walker. *Elogiemos os homens ilustres*. op. cit. p. 229.

⁷Idem, pp. 229-230.

responsabilidade perante elas, pois seu retrato era uma interpretação da situação que via, de modo que encerrava uma visão de mundo, um conjunto de opiniões, uma "qualificação" do objeto de seu retrato.

A partir do trecho acima, também, podemos entender uma outra passagem, em que Agee escreve que "'descrição' é uma palavra de que se deve suspeitar."⁸ O aparente paradoxo que parece se estabelecer com a confrontação do texto do livro - pontilhado de longas descrições - e dessa passagem em específico encontra-se explicado na concepção de literatura de Agee, uma vez que para ele, a descrição não possui valor em si própria, mas sim na medida em que fomenta um engajamento que vivifique a realidade dos lavradores do Alabama para denunciá-la em sua desumanidade.

Assim, Agee alerta aos leitores: "Acima de tudo: pelo amor de Deus não pense nisto aqui como Arte".⁹ Os autores queriam que seu livro fosse um chamado à consciência, e que fosse compreendido não pelo viés da arte em si, mas sim da vida, da experiência, pungente principalmente em sua realidade, e não somente em seu caráter de representação artística ou literária. Neste sentido, se entrelaçam a elaboração literária e o engajamento político, filhos que são da sociedade de seu tempo, marcada pelas condições extremas que a "mudança de marcha da economia" ensejou.

O que Agee e Evans quiseram mostrar - e demonstrar - é como vivem sujeitos como Gudger, o que, naquela realidade e naquelas circunstâncias, significava mostrar a miséria em que ele, sua família e seus pares viviam. Logo, *Elogiemos os homens ilustres* possui um caráter de denúncia tanto quanto de arte. Dar visibilidade, apreender com o máximo de apuro cada detalhe visceral e cruento daquela situação de desoladora pobreza e miséria era, na visão de Agee, denunciá-las, torná-las chocantes não em sua apresentação estética ou em sua exploração de estilo em si, mas precisamente no fato de ela ser real, existente e fatal.

É precisamente aí que entram as fotos de Evans. Enquanto Agee tenta acompanhá-las nos provendo de infinitos detalhes, verticalizando sua análises e mostrando sua universalidade e sua especificidade - não raro em nível empírico e abstrato -, as fotos de Evans nos atingem em toda a sua materialidade, como registro cabal que, ainda que seja subjetivo, possui um estatuto de apreensão cru, direto e, nesse sentido, estarrecedor. Os textos de Agee são gigantescas legendas para as fotos de Evans. Agee transcende e Evans não nos deixa esquecer da pesada realidade que lhas serviu de solo concreto. Agee nos fala, Evans o corrobora, nos mostrando.

O compromisso não com a arte nem com a literatura estritamente, mas com a realidade, com aqueles sujeitos de carne e osso, seres humanos, é o que faz *Elogiemos os homens ilustres* tão vívido. Se trata de literatura, se trata de jornalismo, mas se trata também de um estudo antropológico-etnográfico-sociológico-histórico-estético-moral-ético-político-epistemológico

acerca daquelas populações que estavam sendo pouco a pouco varridas de suas pequenas propriedades e seus antigos empregos para se tornarem o que o escritor John Steinbeck chamou de "ciganos da colheita"¹⁰: trabalhadores itinerantes, sem posses, engrossando um exército industrial de reserva que era vilipendiado e explorado pelos grandes proprietários e companhias agrícolas dentro dos quadros da nova dinâmica econômica.

E eis que, juntando fotos, escritos, preocupações humanistas, políticas, morais e existenciais, James Agee e Walker Evans desafiam a afirmação inicial presente nesse texto, de Raymond Williams. Se é forçoso admitir que eles não conseguiram reproduzir a experiência de conviver com os sujeitos e "sentir na pele" todas as circunstâncias sócio-históricas e as sensações e emoções daquela realidade em sua totalidade, também o é afirmar que eles elevaram a experiência literária a um patamar *sui generis*, que em sua pujança e pungência não deixa o leitor sair ileso de sua via-crúcis.

Resenha recebida em 23.8.2012

Aprovado em 11.10.2012

⁸Idem, p. 228.

⁹Idem, p. 32.

¹⁰STEINBECK, John. *The harvest gypsies: On the road to The grapes of wrath*. Berkeley: Heyday Books, 1988.